

Friedrich Engels

A SITUAÇÃO DA CLASSE  
TRABALHADORA NA INGLATERRA

segundo as observações  
do autor e fontes autênticas

Tradução  
B. A. Schumann

Supervisão, apresentação e notas  
José Paulo Netto

Copyright da tradução © Boitempo Editorial, 2007, 2010  
Traduzido do original alemão: *Die Lage der Arbeitenden Klasse  
in England*. Leipzig, Otto Wigand Verlag, 1845.

*Coordenação*  
Ivana Jinkings

*Supervisão, apresentação e notas*  
José Paulo Netto

*Editores*  
Ana Paula Castellani e João Alexandre Peschanski

*Assistência editorial*  
Ana Lotufo Valverde

*Tradução*  
B. A. Schumann

*Revisão*  
Edison Urbano e Mariana Echalar

*Editoração eletrônica*  
aeroestúdio

*Capa*  
Antonio Kehl  
sobre desenho de Loredano

*Produção*  
Marcel Iha e Paula Pires

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

---

E48s

Engels, Friedrich, 1820-1895

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra / Friedrich Engels ; tradução B. A. Schumann ;  
supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. - São Paulo : Boitempo, 2010.  
388p. : il. -(Mundo do trabalho ; Coleção Marx-Engels)

Tradução de: *Die Lage der Arbeitenden Klasse in England*  
"Segundo as observações do autor e fontes autênticas"

Anexos

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-7559-104-8

1. Trabalhadores - Inglaterra. 2. Grã-Bretanha - Condições econômicas - 1760-1860. I. Título. II. Série.

10-2526.

CDD: 331.0942

CDU: 331(420)(09)

---

É vedada, nos termos da lei, a reprodução de qualquer  
parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

Este livro atende às normas do novo acordo ortográfico,  
com exceção das citações, cuja grafia original foi mantida

BOITEMPO EDITORIAL  
Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Pereira Leite, 373  
05442-000 São Paulo SP  
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869  
e-mail: editor@boitempoeditorial.com.br  
site: www.boitempoeditorial.com.br

## INTRODUÇÃO<sup>a</sup>

A história da classe operária na Inglaterra inicia-se na segunda metade do século passado, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a processar o algodão. Tais invenções, como se sabe, desencadearam uma revolução industrial<sup>b</sup> que, simultaneamente, transformou a sociedade burguesa em seu conjunto – revolução cujo significado histórico só agora começa a ser reconhecido.

A Inglaterra constitui o terreno clássico dessa revolução, que foi tanto mais grandiosa quanto mais silenciosamente se realizou. É por isso que a Inglaterra é também o país clássico para o desenvolvimento do principal resultado dessa revolução: o proletariado. Somente na Inglaterra o proletariado pode ser estudado em todos os seus aspectos e relações.

Não se trata aqui de historiar tal revolução ou sua imensa importância para o presente e para o futuro. Reservar-se-á essa análise para um trabalho posterior, mais amplo. Por agora, devemos nos limitar ao que é necessário para compreender os fatos que serão expostos mais adiante, para compreender a situação atual do proletariado inglês.

Antes da introdução das máquinas, a fiação e a tecelagem das matérias-primas tinham lugar na casa do trabalhador. A mulher e os filhos fiavam e, com o fio, o homem tecia – quando o chefe da família não o fazia, o fio era vendido. Essas famílias tecelãs viviam em geral nos campos vizinhos às cidades e o que ganhavam assegurava perfeitamente sua existência porque o mercado interno – quase o único mercado – era ainda decisivo para a demanda de tecidos e porque o poder esmagador da concorrência, que

---

<sup>a</sup> São perceptíveis nesta Introdução os influxos da obra de P. Gaskell, *The Manufacturing Population of England* (1833); cf., *infra*, nota 14, p. 107.

<sup>b</sup> Engels foi um dos pioneiros no emprego da expressão *revolução industrial* e há autores que chegam mesmo a atribuir-lhe sua paternidade.

se desenvolveu mais tarde com a conquista de mercados externos e com o alargamento do comércio, não incidia sensivelmente sobre o salário. A isso se somava um constante crescimento da demanda do mercado interno, ao lado de um diminuto aumento populacional, o que permitia ocupar todos os trabalhadores que, ademais, não concorriam ativamente entre si, dado seu isolamento no campo. Por outra parte, o tecelão às vezes podia economizar e arrendar um pequeno pedaço de terra, que cultivava nas horas livres, escolhidas segundo sua vontade, posto que ele mesmo determinava o tempo e a duração de seu trabalho. É verdade que era um pobre camponês, que lavrava a terra com pouco cuidado e sem grande proveito; mas não era um proletário: tinha – como dizem os ingleses – um pé na sua terra pátria, possuía uma habitação e situava-se num escalão social acima do moderno operário inglês.

Assim, os trabalhadores sobreviviam suportavelmente e levavam uma vida honesta e tranquila, piedosa e honrada; sua situação material era bem superior à de seus sucessores: não precisavam matar-se de trabalhar, não faziam mais do que desejavam e, no entanto, ganhavam para cobrir suas necessidades e dispunham de tempo para um trabalho sadio em seu jardim ou em seu campo, trabalho que para eles era uma forma de descanso; e podiam, ainda, participar com seus vizinhos de passatempos e distrações – jogos que contribuía para a manutenção de sua saúde e para o revigoramento de seu corpo. Em sua maioria, eram pessoas de complexão robusta, fisicamente em pouco ou nada diversas de seus vizinhos campônios. Seus filhos cresciam respirando o ar puro do campo e, se tinham de ajudar os pais, faziam-no ocasionalmente, jamais numa jornada de trabalho de oito ou doze horas.

É fácil adivinhar o caráter moral e intelectual dessa classe. Afastados das cidades, nelas praticamente não entravam porque entregavam, mediante o pagamento de seu trabalho, o fio e o tecido a agentes itinerantes – de modo que, velhos moradores das proximidades das cidades, nunca haviam ido a elas, até o momento em que as máquinas os despojaram de seu ganha-pão, obrigando-os a procurar trabalho na cidade. Seu nível intelectual e moral era o da gente do campo, à qual, de resto, estavam geral e diretamente ligados através de seus pequenos arrendamentos. Também respeitavam o *esquire*<sup>a</sup> – o mais importante proprietário de terras da re-

---

<sup>a</sup> Cf., *infra*, nota a, p. 334.

gião – como seu superior natural, pediam-lhe conselhos, submetiam-lhe suas pequenas querelas e prestavam-lhe todas as honras inerentes a essa relação patriarcal. Eram gente “respeitável” e bons pais de família, viviam segundo a moral porque não tinham ocasião de ser imorais, já que nas imediações não havia bordéis e o dono da taberna onde eventualmente saciavam a sede era também um homem respeitável e, na maior parte das vezes, um grande arrendatário que fazia questão de ter boa cerveja, de manter as coisas em ordem e de deitar cedo. Tinham os filhos em casa durante todo o tempo e inculcavam-lhes a obediência e o temor a Deus; essas relações patriarcais subsistiam até o casamento dos filhos – os jovens cresciam com seus amigos de infância em idílica intimidade e simplicidade até que se casassem, e mesmo que as relações sexuais antes do matrimônio ocorressem comumente, só eram legitimadas quando reconhecidas pelas duas partes e quando as subseqüentes núpcias punham as coisas em seu lugar. Em suma, os trabalhadores industriais ingleses dessa época viviam e pensavam como se vive e se pensa ainda aqui e acolá na Alemanha, isolados e retirados, sem vida intelectual e levando uma existência sem sobresaltos. Raramente sabiam ler e, menos ainda, escrever, iam regularmente à igreja, não faziam política, não conspiravam, não refletiam, apreciavam atividades físicas, escutavam com a tradicional devoção a leitura da Bíblia e, em sua singela humildade, tinham boas relações com as classes mais altas da sociedade. Por isso mesmo, estavam intelectualmente mortos, viviam exclusivamente para seus interesses privados e mesquinhos, para o tear e para a gleba e ignoravam tudo acerca do grandioso movimento que, mais além, sacudia a humanidade. Sentiam-se à vontade em sua quieta existência vegetativa e, sem a revolução industrial, jamais teriam abandonado essa existência, decerto cômoda e romântica, mas indigna de um ser humano. De fato, não eram verdadeiramente seres humanos: eram máquinas de trabalho a serviço dos poucos aristocratas que até então haviam dirigido a história; a revolução industrial apenas levou tudo isso às suas conseqüências extremas, completando a transformação dos trabalhadores em puras e simples máquinas e arrancando-lhes das mãos os últimos restos de atividade autônoma – mas, precisamente por isso, incitando-os a pensar e a exigir uma condição humana. Se na França foi a política, na Inglaterra foi a revolução industrial e o movimento global da sociedade burguesa que submergiram no vórtice da história as últimas classes até então mergulhadas na apatia em face dos interesses gerais da humanidade.

A primeira invenção que transformou profundamente a situação dos trabalhadores ingleses foi a *jenny*<sup>a</sup>, construída em 1764 pelo tecelão James Hargreaves<sup>b</sup>, de Stanhill, junto de Blackburn, no Lancashire do Norte<sup>c</sup>. Essa máquina foi o antepassado rudimentar da *mule*, inventada mais tarde; funcionava manualmente, mas, ao invés de um só fuso, como na roda comum de fiar à mão, tinha dezesseis ou dezoito, acionados por um só operário. Dessa forma, tornou-se possível produzir muito mais fio: se antes um tecelão ocupava sempre três fiandeiras, não contava nunca com fio suficiente e tinha de esperar para ser abastecido, agora havia mais fio do que o número dos trabalhadores ocupados podia processar. A demanda de tecido, de resto em aumento, cresceu ainda mais graças à redução de seu preço, provocada pela diminuição dos custos de produção do fio devida à nova máquina; houve necessidade de mais tecelões e seus salários aumentaram. Podendo ganhar mais trabalhando em seu tear, a pouco e pouco o tecelão abandonou suas ocupações agrícolas e dedicou-se inteiramente à tecelagem. Nessa época, uma família de quatro adultos e duas crianças, com uma jornada de dez horas, chegava a ganhar quatro libras esterlinas por semana, equivalentes a vinte e oito táleres<sup>d</sup> na cotação prussiana atual, e até mais, se os negócios corriam bem e se havia procura de trabalho – não era infrequente um tecelão ganhar semanalmente duas libras esterlinas. Gradativamente, a classe dos tecelões-agricultores foi desaparecendo, sendo de todo absorvida na classe emergente dos exclusivamente tecelões, que viviam apenas de seu salário e não possuíam propriedade, nem sequer a ilusão de propriedade que o trabalho agrícola confere – tornaram-se, pois, *proletários* (*working men*). A isso se juntou a destruição da antiga relação entre fiandeiros e tecelões. Até então, na medida em que era possível, o fio era fiado e tecido sob um

---

<sup>a</sup> A partir de 1738 registram-se na Inglaterra contínuos progressos na mecanização da fição, de enorme importância para o desenvolvimento do capitalismo. James Hargreaves, por volta de 1764, constrói a *spinning jenny* (nome com que homenageou sua filha, Jenny), que é um avanço na fição, embora acionada manualmente. Depois de vários aperfeiçoamentos das ideias de Lewis Paul, testadas desde 1738, Richard Arkwright, entre 1769 e 1771, passa a utilizar a força hidráulica numa máquina de fiar, a *throstle*. Em 1779, Samuel Crompton constrói uma máquina que combina as características da *spinning jenny* e da *throstle*, a *mule jenny* (ou, abreviadamente, *mule*). Finalmente, em 1825, Richard Robert cria a fiadora automática (*selfacting mule* ou *selfactor*). O leitor verificará que as datas que Engels assinala para as invenções mecânicas nem sempre são exatas (cf., *infra*, nota 1, p. 51).

<sup>b</sup> Hargreaves faleceu em 1778.

<sup>c</sup> No original, Engels grafou erradamente o toponímio: Standhill, ao invés de Stanhill.

<sup>d</sup> Antiga unidade monetária alemã.

mesmo teto; agora, já que tanto a *jenny* quanto o tear exigiam mão robusta, os homens também se puseram a fiar e famílias inteiras passaram a viver exclusivamente disso, enquanto outras, forçadas a abandonar a velha e arcaica roda de fiar e sem meios para comprar uma *jenny*, tiveram de sobreviver apenas com o que seu chefe ganhava no tear. Foi dessa maneira que se iniciou a divisão do trabalho entre fiação e tecelagem, que seria levada ao grau extremo na indústria posterior.

Simultaneamente ao *proletariado industrial* que se desenvolvia com essa primeira máquina, todavia muito imperfeita, ela mesma também originava a formação do *proletariado rural*. Havia, até então, um grande número de pequenos proprietários rurais, os chamados *yeomen*, cuja vida transcorria na mesma tranquilidade e apatia de seus vizinhos, os tecelões-agricultores. Cultivavam seu pequeno pedaço de terra do mesmo modo descuidado e arcaico que seus pais e opunham-se a qualquer inovação com sua peculiar teimosia de seres que, escravos do hábito, nada alteram no decurso de gerações. Entre eles, existiam também muitos pequenos arrendatários, não no sentido atual da palavra, mas gente que, por força de costume antigo ou a título de renda hereditária, recebera dos pais ou avós um pequeno pedaço de terra e que nele se estabelecera tão solidamente como se se tratasse de propriedade sua. Na medida em que, então, os operários industriais abandonavam a agricultura, inúmeros terrenos tornaram-se disponíveis e neles se instalou a nova classe dos *grandes arrendatários*, que alugavam cinquenta, cem, duzentos ou mais acres – os *tenants-at-will*, arrendatários cujo contrato podia ser anulado anualmente e que, mediante melhores métodos agrícolas e exploração em larga escala, souberam aumentar a produtividade da terra. Podiam vender seus produtos a preços mais baixos que os do pequeno *yeoman*, que não tinha outra alternativa senão vender sua terra – que já não o sustentava – e adquirir uma *jenny* ou um tear ou empregar-se como jornaleiro, proletário agrícola, de um grande arrendatário. Sua tradicional indolência e o trato negligente que oferecia ao seu pedaço de terra, traços que herdara de seus antepassados e dos quais não pudera livrar-se, não lhe deixaram outra escolha quando se viu obrigado a concorrer com pessoas que cultivavam o solo segundo princípios mais racionais e com todas as vantagens oferecidas pela grande lavoura e pelo investimento de capitais na melhoria da terra.

O movimento da indústria, porém, não se deteve. Alguns capitalistas começaram a instalar *jennys* em grandes prédios e a acioná-las por *força hidráulica*, o que lhes permitiu reduzir o número de operários e vender o fio a

preço menor que os fiandeiros isolados, que movimentavam manualmente suas máquinas. A *jenny* foi sucessivamente aperfeiçoada, de tal modo que as máquinas logo se tornavam antiquadas, devendo ser transformadas ou mesmo abandonadas – e se o capitalista podia subsistir com máquinas obsoletas, graças ao emprego da força hidráulica, em longo prazo isso era impossível para o fiandeiro isolado. O sistema fabril, que já estava assim surgindo, recebeu um novo impulso com a *spinning throstle*, inventada em 1767 por Richard Arkwright, um barbeiro de Preston, no Lancashire do Norte. Essa máquina, comumente chamada em alemão *Kettenstuhl*<sup>a</sup>, é, ao lado da máquina a vapor, a mais importante invenção mecânica do século XVIII. Foi construída com base em princípios inteiramente novos e concebida para ser acionada por *força motriz mecânica*. Associando as características da *jenny* e da *Kettenstuhl*, Samuel Crompton, de Firwood (Lancashire), criou em 1785 a *mule* e como, no mesmo período, Arkwright inventou as máquinas de *cardar e fiar*, o sistema fabril tornou-se o único vigente na fiação do algodão. Gradativamente iniciou-se, com modificações insignificantes, a adaptação dessas máquinas à fiação da lã e, mais tarde, à de linho (na primeira década do nosso século), de modo que também aí se reduziu o trabalho manual. Mas isso não foi tudo: nos últimos anos do século passado, o doutor Cartwright, um pároco rural, inventou o *tear mecânico* e já em 1804 o aperfeiçoara a ponto de concorrer com sucesso com os tecelões manuais. A importância de todas essas máquinas foi duplicada com a *máquina a vapor* de James Watt, inventada em 1764 e utilizada, a partir de 1785, para acionar as máquinas de fiar.

Com essas invenções, desde então aperfeiçoadas ano a ano, decidiu-se nos principais setores da indústria inglesa a *vitória do trabalho mecânico sobre o trabalho manual* e toda a sua história recente nos revela como os trabalhadores manuais foram sucessivamente deslocados de suas posições pelas máquinas. As consequências disso foram, por um lado, uma rápida redução dos preços de todas as mercadorias manufaturadas, o florescimento do comércio e da indústria, a conquista de quase todos os mercados estrangeiros não protegidos, o crescimento veloz dos capitais e da riqueza nacional; por outro lado, o crescimento ainda mais rápido do proletariado, a destruição de toda a propriedade e de toda a segurança de trabalho para a classe operária, a degradação moral, as agitações políticas e todos os fatos que tanto repugnam aos ingleses proprietários e que iremos examinar nas páginas seguintes. Se, mais acima, vimos as transformações

---

<sup>a</sup> Tear de corrente.



provocadas nas relações sociais das classes inferiores por uma só máquina, mesmo tão rudimentar como a *jenny*, não há por que se espantar com o que pode proporcionar um sistema plenamente coordenado de máquinas extremamente aperfeiçoadas, que recebe de nós a matéria-prima e nos devolve tecidos acabados.

Sigamos mais de perto, no entanto, o desenvolvimento da indústria inglesa<sup>1</sup>, começando por seu ramo principal, a *indústria do algodão*. Nos anos 1771-1775, importava-se em média, anualmente, menos de 5 milhões de libras de algodão bruto; em 1841, 528 milhões; e, em 1844, pelo menos 600 milhões. Em 1834, a Inglaterra exportou 556 milhões de jardas de tecidos de algodão, 76,5 milhões de libras de fio de algodão e aproximadamente 1,2 milhão de libras de artigos de algodão. Nesse mesmo ano, operavam na indústria do algodão mais de 8 milhões de fusos, 110 mil teares mecânicos e 250 mil manuais, sem contar os fusos dos teares de corrente e, segundo os cálculos de McCulloch, viviam nos três reinos, direta ou indiretamente ligados a esse ramo, quase 1,5 milhão de pessoas, das quais 220 mil trabalhavam em fábricas; nestas, a força utilizada era de 33 mil cavalos-vapor e 11 mil cavalos de força hidráulica. Hoje, essas cifras estão superadas e podemos admitir tranquilamente que, em 1845, o número de máquinas – assim como o de operários – e a potência gerada por elas ultrapassam em pelo menos a metade os valores de 1834.

O centro principal dessa indústria é o Lancashire, onde, aliás, ela começou – revolucionando completamente o condado, transformando esse pântano sombrio e mal cultivado numa região animada e laboriosa: decuplicou, em oitenta anos, sua população e fez brotar do solo, como por um passe de mágica, cidades gigantescas como Liverpool e Manchester, que juntas têm 700 mil habitantes, e cidades secundárias como Bolton (60 mil habitantes), Rochdale (75 mil habitantes), Oldham (50 mil habitantes), Preston (60 mil habitantes), Ashton e Salybridge (40 mil habitantes) e uma miríade de outros centros industriais. A história do Lancashire meridional, embora ninguém a mencione, compreende os maiores milagres dos tempos modernos, todos eles operados pela indústria do algodão. O segundo centro têxtil, situado no distrito algodoeiro da Escócia (Lanarkshire e Renfrewshire), é Glasgow, cuja população, desde a instalação dessa indústria, passou de 30 mil para 300 mil

---

<sup>1</sup> De acordo com Porter, *The Progress of the Nation* (Londres, 1836, v. I; 1838, v. II), e com outras fontes oficiais. [Nota de Engels que, na edição de 1892, acrescenta: “O sumário histórico da revolução industrial feito acima é inexacto em alguns detalhes, mas em 1843-1844 não existiam fontes melhores do que as que utilizei”. (N.E.)]

habitantes. Igualmente, a fabricação de artigos de algodão em Nottingham e Derby recebeu um primeiro impulso com a redução do preço do fio e um segundo com o aperfeiçoamento da máquina de tricotar, que permite a confecção simultânea de duas meias com um só tear. Também a fabricação de rendas tornou-se um ramo importante desde 1777, quando foi inventada a *lace machine*; pouco depois, Lindley inventou a *point-net machine* e, em 1809, Heathcote criou a *bobin-net machine*<sup>a</sup>, que simplificaram muito o fabrico de rendas e paralelamente aumentaram seu consumo, graças à redução dos preços – hoje, pelo menos 200 mil pessoas vivem dessa indústria, cujos centros principais são Nottingham, Leicester e o oeste da Inglaterra (Wiltshire, Devonshire etc.).

Vários ramos dependentes da indústria do algodão experimentaram uma evolução similar, como o alvejamento, a tinturaria e a estamparia: o alvejamento, com a utilização do cloro em lugar do oxigênio, a tinturaria e a estamparia graças ao rápido desenvolvimento da química (e a estamparia, ademais, mediante uma série de brilhantes invenções mecânicas). Todos esses ramos conheceram um florescimento que – juntamente com o crescimento da indústria do algodão – assegurou-lhes uma prosperidade até então desconhecida.

A mesma operosidade verificou-se no *tratamento da lã*. Este já constituía então o setor principal da indústria inglesa, mas a produção daqueles anos é nada em comparação com o que se fabrica atualmente. Em 1782, toda a produção de lã (tosquia) dos três anos precedentes continuava em estado bruto por falta de operários, e assim permaneceria se as novas invenções mecânicas não houvessem tornado possível a sua fiação<sup>b</sup>. A adaptação das máquinas para a fiação da lã se efetivou com êxito. Também nos distritos lanígeros verificou-se o mesmo rápido desenvolvimento que constatamos nos distritos algodoeiros. Em 1738, no West Riding de Yorkshire, produziram-se 75 mil peças de tecido de lã e em 1817, 490 mil<sup>c</sup> – e o crescimento da indústria da lã foi tal que, em 1834, a produção de peças de lã ultrapassou em 450 mil peças o que se produziu em 1825. Em 1801, processaram-se 101 milhões de libras de lã (das quais 7 milhões importadas); em 1835, 180 milhões (das quais 42 milhões importadas).

---

<sup>a</sup> Todas essas diferentes máquinas são anteriores aos inventos de Jacquart (1752-1834).

<sup>b</sup> Marx retoma literalmente essa passagem de Engels em *O capital*. Cf. K. Marx, *O capital: crítica da economia política* (São Paulo, Abril, 1984, v. I, t. 2, p. 183).

<sup>c</sup> Nessas cifras, que arredondou e extraiu de uma obra de J. Bishoff, de 1842, Engels cometeu um pequeno erro; os números exatos são 56.899 para 1738 e 483.720 para 1817.

O principal distrito dessa indústria é o West Riding de Yorkshire, onde – principalmente em Bradford – a lã inglesa de fibra longa é transformada em fio de tricotar, enquanto em outras cidades – Leeds, Halifax, Huddersfield etc. – a lã de fibra curta é transformada em fio retorcido para a tecelagem. Em seguida, encontramos a parte vizinha do Lancashire, a região de Rochdale, onde, além da preparação do algodão, produz-se muita flanela, e a parte ocidental da Inglaterra, que fabrica os tecidos mais finos. Também aí é notável o crescimento da população:

	habitantes em 1801	habitantes em 1831
Bradford	29 mil	77 mil
Halifax	63 mil	110 mil
Huddersfield	15 mil	34 mil
Leeds	53 mil	123 mil
O conjunto do West Riding	564 mil	980 mil

População que, de 1831 aos dias atuais, deve ter crescido ainda pelo menos 20% a 25%. Em 1835, a fiação da lã ocupava, nos três reinos, 1.313 fábricas, com 71.300 operários, os quais, de resto, não representavam senão uma pequena parte da massa que vivia direta ou indiretamente do trabalho com a lã (daí excluídos quase todos os tecelões).

Na *indústria do linho* os progressos foram mais lentos, porque a natureza particular da matéria-prima tornava muito difícil o emprego da máquina de fiar. De fato, já nos últimos anos do século passado, algumas experiências nessa direção foram feitas na Escócia; só em 1810, todavia, o francês Girard conseguiu chegar a um método prático de fiação do linho, mas suas máquinas só adquiriram a devida importância graças aos aperfeiçoamentos que receberam na Inglaterra e depois de seu emprego em larga escala em Leeds, Dundee e Belfast. A partir de então, a indústria inglesa do linho conheceu um rápido desenvolvimento. Em 1814, em Dundee, importaram-se 3 mil toneladas<sup>a</sup> de linho, em 1835 cerca de 19 mil e 3,4 mil de cânhamo. A importação de linho irlandês pela Grã-Bretanha passou de 32 milhões de jardas em 1800 para 53 milhões em 1825 (das quais grande parte foi reexportada); a exportação inglesa e escocesa de tecido de linho passou de 24 milhões de

<sup>a</sup> A tonelada inglesa (*ton*) equivale a 2.240 libras, quase mil quilos.

jardas em 1820 para 51 milhões em 1833. As fiações de linho, em 1835, somavam 347, com 33 mil operários, metade das quais na Escócia meridional, mais de 60 no West Riding do Yorkshire (Leeds e arredores), 25 em Belfast (Irlanda) e o resto no Dorsetshire e no Lancashire. A tecelagem se processa na Escócia meridional e em diversos pontos da Inglaterra, mas especialmente na Irlanda.

Com o mesmo sucesso, os ingleses se dedicaram à *preparação da seda*. Recebiam da Europa meridional e da Ásia o material já fiado e o trabalho essencial consistia em dobar e tecer os fios finos (*tramage*). Até 1824, as altas taxas alfandegárias sobre a seda bruta (quatro *shillings* por libra) travaram significativamente a indústria inglesa da seda, que, por causa dos direitos protetores, só dispunha de seu mercado interno e do de suas colônias. Então, as taxas de importação foram reduzidas a um *penny* e de imediato o número de fábricas aumentou notavelmente: em um ano, o número de dobadouras passou de 780 mil para 1,18 milhão e, embora a crise comercial de 1825 tenha paralisado por um momento esse ramo industrial, em 1827 a produção saltava para um nível nunca alcançado antes, porque a habilidade e a experiência dos ingleses no domínio da mecânica asseguravam às suas máquinas de torcedura do fio a supremacia sobre os equipamentos de seus concorrentes. Em 1835, o Império Britânico possuía 263 fábricas de torcedura, com 30 mil operários, a maior parte das quais localizadas no Cheshire (Macclesfield, Congleton e arredores), em Manchester e no Somersetshire. Ademais, havia ainda muitas fábricas que tratavam os resíduos de seda dos casulos, que serve para fabricar um artigo especial – o *spunsilk* –, que os ingleses fornecem às tecelagens de Paris e de Lyon. A tecelagem dessa seda assim torcida e fiada efetua-se particularmente na Escócia (Paisley etc.) e em Londres (Spitalfields), mas também em Manchester e outros lugares.

O gigantesco desenvolvimento da indústria inglesa desde 1760, porém, não se limitou à fabricação de tecidos. Uma vez desencadeado, o impulso do setor têxtil expandiu-se para todos os ramos da atividade industrial e uma série de invenções, sem maiores conexões com os ramos já mencionados, ganhou mais importância por ser contemporânea desse movimento geral. Demonstrada na prática a enorme significação do emprego da força mecânica na indústria, buscaram-se meios para utilizá-la em todos os setores e para explorá-la em proveito de seus diversos inventores e fabricantes; além disso, a demanda de máquinas, combustíveis e material de transformação multiplicou a atividade de uma massa de operários e de indústrias. Foi com a máquina a vapor que se começou a valorizar as gran-

des jazidas de carvão da Inglaterra. A fabricação de máquinas inicia-se e, com ela, surge um novo interesse pelas minas de ferro, que forneciam a matéria-prima para as máquinas. O crescimento do consumo da lã estimulou a criação de carneiros na Inglaterra e o aumento da importação de lã, linho e seda levou ao desenvolvimento da frota comercial inglesa.

Foi sobretudo a produção de ferro que cresceu. Até então, as ricas minas de ferro inglesas eram pouco exploradas; o mineral do ferro era sempre fundido com carvão vegetal, que – em virtude da expansão da agricultura e da devastação dos bosques – tornava-se cada vez mais caro e escasso; somente no século passado começou-se a empregar para esse fim o carvão mineral (*coke*) e em 1780 descobriu-se um novo método para transformar ferro fundido com carvão mineral em ferro também utilizável para a forja (antes só empregado como ferro fundido). Com esse método, que consiste em extrair o carvão misturado com o ferro no processo da fusão e que os ingleses chamam de *puddling*, abriu-se todo um novo campo à produção inglesa de ferro. Foram construídos altos-fornos cinquenta vezes maiores que os precedentes, simplificou-se a fusão do mineral com a ajuda de foles de ar quente e assim foi possível produzir ferro a um preço tão baixo que uma grande quantidade de objetos, antes fabricados com madeira ou pedra, passou a ser feita com ferro.

Em 1788, Thomas Paine, o célebre democrata, construiu no Yorkshire a primeira ponte de ferro<sup>a</sup>, a que se seguiram inúmeras outras, de tal modo que atualmente quase todas as pontes, sobretudo as ferroviárias, são de ferro fundido e em Londres até existe uma ponte (a de Southwark) sobre o Tâmesa fabricada com esse material; o uso do ferro está se generalizando na produção de pilares e de suportes para máquinas etc. e, com a introdução da iluminação a gás e as ferrovias, abriram-se novos espaços para produção inglesa de ferro. Gradualmente, pregos e parafusos passaram a ser produzidos por máquinas; em 1760, Huntsman, de Sheffield, descobriu um método de fundir aço que economizou muito trabalho, permitindo a fabricação de novos produtos a preços mais baixos; assim, graças à melhor qualidade dos materiais disponíveis, ao aperfeiçoamento das máquinas existentes e à invenção de novas e a uma divisão do trabalho mais apurada, a metalurgia começou a assumir uma posição mais significativa na Inglaterra. A popula-

---

<sup>a</sup> Esse é outro pequeno erro factual de Engels: a ponte projetada por Paine, com elementos fundidos em Rotherham (Yorkshire), não foi construída nessa região; efetivamente, a primeira ponte de ferro do Yorkshire data de 1779 (sobre o Severn, em Coolbrookdale).

ção de Birmingham passou de 73 mil (em 1801) para 200 mil habitantes (em 1844), a de Sheffield de 46 mil (em 1801) para 110 mil (em 1844) e o consumo de carvão, apenas nesta última cidade, chegava, em 1836, a 515 mil toneladas. Em 1805, foram exportadas 4,3 mil toneladas de produtos de ferro e 4,6 mil toneladas de ferro bruto; em 1834, essas cifras foram, respectivamente, 16,2 mil e 107 mil; a extração de ferro, que em 1740 totalizava 17 mil toneladas, em 1834 chegava a quase 700 mil. Apenas a fusão do ferro bruto consome anualmente mais de 3 milhões de toneladas de carvão e é notável a importância que as *minas de carvão* (hulha) adquiriram no curso dos últimos sessenta anos. Hoje, todas as jazidas carboníferas da Inglaterra e da Escócia estão sendo exploradas e as minas de Northumberland e Durham, somente elas, produzem mais de 5 milhões de toneladas para exportação, ocupando entre 40 mil e 50 mil operários. De acordo com o *Durham Chronicle*<sup>a</sup>, nesses dois condados estavam sendo exploradas:

em 1753 .....	14 minas de carvão
em 1800 .....	40 minas de carvão
em 1836 .....	76 minas de carvão
em 1843 .....	130 minas de carvão.

Hoje, todas as minas vêm sendo exploradas mais intensivamente. Similar aumento de exploração registra-se nas minas de *estanho*, *cobre* e *chumbo*; ao lado da expansão da *produção de vidro*, surgiu um novo ramo industrial relativo à *cerâmica*, que adquiriu importância graças aos esforços de Josiah Wedgwood que, por volta de 1763, assentou sobre bases científicas toda a produção de vasilhames, introduziu um gosto mais refinado e criou as cerâmicas do Staffordshire do Norte, uma região de 8 milhas inglesas quadradas que, outrora uma área deserta, hoje está coalhada de fábricas e de habitações, onde vivem mais de 60 mil pessoas.

Todas as atividades estão envolvidas nesse movimento vertiginoso. Também a *agricultura* foi sacudida – e não só porque, como vimos páginas atrás, a propriedade da terra passou para as mãos de outros possuidores e cultivadores, mas por outras razões. Os grandes fazendeiros investiram capital na melhoria dos solos, destruíram os pequenos muros divisórios

---

<sup>a</sup> O semanário *Durham Chronicle, Sunderland Times and Darlington and Stockton Gazette* foi fundado em 1820 e, nos anos quarenta do século XIX, tinha uma orientação liberal. Os dados citados por Engels foram extraídos da edição de 28 de junho de 1844.

inúteis, drenaram e adubaram a terra, utilizaram instrumentos melhores e introduziram a rotação sistemática das culturas (*cropping by rotation*). Também eles foram auxiliados pelo progresso das ciências: sir Humphrey Davy aplicou com êxito a química à agricultura e o desenvolvimento da mecânica trouxe-lhes um sem-número de vantagens. Ademais, em consequência do aumento da população, a demanda por produtos agrícolas cresceu tanto que, entre 1760 e 1836, foram aproveitadas 6.840.540 jeiras inglesas<sup>a</sup> de terras até então incultas – e, apesar disso, a Inglaterra passou de exportador a importador de trigo.

Operosidade semelhante verificou-se na ampliação das *comunicações*. Na Inglaterra e no País de Gales, entre 1818 e 1829, construíram-se mil milhas inglesas de estradas, com largura obrigatória de 60 pés e praticamente todas as antigas estradas foram restauradas conforme o novo sistema de MacAdam. Na Escócia, a partir de 1803, as autoridades responsáveis pelos serviços de obras públicas fizeram construir 900 milhas de estradas e mais de mil pontes, o que permitiu, em pouco tempo, pôr a população das *terras altas* (*Highlands*) em contato com a civilização. Até então, essas populações se dedicavam em geral à caça e ao contrabando; tornaram-se agricultores e artesãos laboriosos e, embora se tenham criado escolas para conservar a língua e os costumes gálico-celtas, ambos estão em rápido processo de extinção em face do contato com a civilização inglesa. O mesmo tem ocorrido na Irlanda: entre os condados de Cork, Limerick e Kerry, estendia-se uma região praticamente deserta e sem vias de acesso, o que a tornava refúgio de malfeitores e a principal cidadela da nacionalidade céltico-irlandesa na Irlanda meridional; agora, está cortada por estradas, possibilitando que a civilização penetre nessa área selvagem. O conjunto do Império Britânico – particularmente a Inglaterra, que há sessenta anos tinha péssimas estradas, tão ruins quanto as da Alemanha e da França – está hoje coberto por uma excelente rede de estradas, obra da indústria privada, como quase tudo na Inglaterra, porque o Estado pouco ou nada fez nesse domínio.

Antes de 1755, praticamente não havia *canais* na Inglaterra. Naquele ano, abriu-se o canal de Sankey Brook a St. Helens, no Lancashire<sup>b</sup> e, em 1759, James Brindley construiu o primeiro canal importante, o do duque de Bridgewater, que liga Manchester e as minas da região à foz do Mersey e, em Barton, passa, através de um aqueduto, sobre o rio Irwell. A rede de

---

<sup>a</sup> Medida agrária que varia de 19 a 36 hectares.

<sup>b</sup> Aberto à navegação, de fato, em 1757.

canais ingleses, que Brindley foi o primeiro a valorizar, data dessa época. A partir de então, foram construídos canais em todas as direções e os rios tornaram-se navegáveis. Apenas na Inglaterra, contam-se hoje 2,2 mil milhas de canais e 1,8 mil milhas de rios navegáveis; construiu-se na Escócia o canal de Caledônia, que corta o país de lado a lado, e também na Irlanda abriram-se vários outros. Esses empreendimentos também são, como as ferrovias e as estradas, quase todas obras de particulares e de companhias privadas.

As ferrovias foram iniciadas mais recentemente. A primeira importante foi a de Liverpool a Manchester, inaugurada em 1830; desde então, todas as grandes cidades estão ligadas por ferrovias: Londres a Southampton, Brighton, Dover, Colchester, Cambridge, Exeter (via Bristol) e Birmingham; Birmingham a Gloucester, Liverpool, Lancaster (via Newton e Wigan e via Manchester e Bolton) e, também, a Leeds (via Manchester e Halifax e via Leicester, Derby e Sheffield); e Leeds a Hull e Newcastle (via York). Em construção e projetadas, há ainda muitas ferrovias de menor importância que, em breve, permitirão ir de Edimburgo a Londres em um só dia.

O vapor, assim como revolucionou as comunicações em terra, deu uma nova relevância à navegação. O primeiro barco a vapor navegou o Hudson, na América do Norte, em 1807; no Império Britânico, o início foi em 1811, com um barco no Clyde – desde então, mais de 600 foram construídos na Inglaterra e, em 1836, mais de 500 estavam em atividade nos portos britânicos.

Em resumo, essa é a história da indústria inglesa nos últimos sessenta anos – uma história que não tem equivalente nos anais da humanidade. Há sessenta ou oitenta anos, a Inglaterra era um país como todos os outros, com pequenas cidades, indústrias diminutas e elementares e uma população rural dispersa, mas relativamente importante; agora, é um país ímpar, com uma capital de 2,5 milhões de habitantes<sup>a</sup>, imensas cidades industriais, uma indústria que fornece produtos para o mundo todo e que fabrica quase tudo com a ajuda das máquinas mais complexas, com uma população densa, laboriosa e inteligente, cujas duas terças partes estão ocupadas na indústria<sup>b</sup> e constituem classes completamente diversas das anteriores. Agora, a Inglaterra é uma nação em tudo diferente, com outros costumes e com necessidades novas. A revolução industrial teve para a Inglaterra a mesma importância que a revolução política teve para a França e

---

<sup>a</sup> O censo de 1841 indicava 1.949.277 habitantes.

<sup>b</sup> Nas edições norte-americana e inglesa de 1887 e 1892, lê-se: “ocupadas na indústria e no comércio”.



a filosófica para a Alemanha<sup>a</sup>, e a distância que separa a Inglaterra de 1760 da Inglaterra de 1844 é pelo menos tão grande quanto aquela que separa a França do Antigo Regime da França da Revolução de Julho<sup>b</sup>. O fruto mais importante dessa revolução industrial, porém, é o proletariado inglês.

Já observamos que o proletariado nasce com a introdução das máquinas. A veloz expansão da indústria determinou a demanda de mais braços; os salários aumentaram e, em consequência, batalhões de trabalhadores das regiões agrícolas emigraram para as cidades – a população cresceu rapidamente e quase todo o acréscimo ocorreu na classe dos proletários. Mesmo na Irlanda – onde apenas no princípio do século XVIII reinou certa ordem –, a população, mais que dizimada pela barbárie inglesa nas agitações do passado, aumentou rapidamente, em particular a partir do momento em que o desenvolvimento industrial começou a atrair para a Inglaterra uma multidão de irlandeses. Surgiram assim as grandes cidades industriais e comerciais do Império Britânico, onde pelo menos três quartos da população fazem parte da classe operária e cuja pequena burguesia se constitui de comerciantes e de pouquíssimos artesãos. Adquirindo importância ao converter instrumentos em máquinas e oficinas em fábricas, a nova indústria transformou a classe média trabalhadora em proletariado e os grandes

---

<sup>a</sup> A *revolução filosófica* a que se refere Engels é aquela que, realizada no âmbito do idealismo pela obra de Hegel e, mediada pela intervenção de Feuerbach, encontrará seu pleno desenvolvimento no materialismo histórico. Quase quatro décadas depois de escrever estas páginas, Engels sintetizou em poucas palavras a “revolução filosófica” que, para a Alemanha, significou o pensamento hegeliano: “Da mesma forma que, através da grande indústria, da livre concorrência e do mercado mundial, a burguesia líquida na prática todas as instituições estáveis, consagradas por uma venerável antiguidade, essa filosofia dialética põe fim a todas as idéias de uma verdade absoluta e definitiva e a um conseqüente estágio absoluto da humanidade. Diante dela, nada é definitivo, absoluto, sagrado; ela faz ressaltar o que há de transitório em tudo o que existe; e só deixa de pé o processo ininterrupto do vir-a-ser e do perecer, uma ascensão infinita do inferior ao superior, cujo mero reflexo no cérebro pensante é essa própria filosofia. É verdade que ela tem também seu aspecto conservador quando reconhece a legitimidade de determinadas formas sociais e de conhecimento, para sua época e sob suas circunstâncias; mas não vai além disso. O conservantismo dessa concepção é relativo; seu caráter revolucionário é absoluto, e é a única coisa absoluta que ela deixa de pé” (“Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã”, em Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras escolhidas em três volumes* [Rio de Janeiro, Vitória, 1963, v. 3] p. 173).

<sup>b</sup> Trata-se da revolução de julho de 1830, que pôs abaixo o regime dos Bourbons e inaugurou a monarquia constitucional de Luís Filipe José de Orléans, apoiada pela alta burguesia; entre o fim do Antigo Regime (a ordem centrada na monarquia absolutista-feudal anterior à Revolução de 1789) e a chamada Revolução de Julho, a França experimentou o período revolucionário, o império napoleônico e a restauração dos Bourbons.

negociantes em industriais; assim como a pequena classe média foi eliminada e a população foi reduzida à contraposição entre operários e capitalistas, o mesmo ocorreu fora do setor industrial em sentido estrito, no artesanato e no comércio: aos antigos mestres e companheiros sucederam os grandes capitalistas e operários, os quais não têm perspectivas de se elevarem acima de sua classe; o artesanato industrializou-se, a divisão do trabalho foi introduzida rigidamente e os pequenos artesãos que não podiam concorrer com os grandes estabelecimentos industriais foram lançados às fileiras da classe dos proletários. Ao mesmo tempo, com a supressão do antigo artesanato e com o aniquilamento da pequena burguesia, desapareceu para o operário qualquer possibilidade de tornar-se burguês. Até então, sempre lhe restava a chance de instalar-se em algum lugar como mestre artesão e talvez contratar companheiros; agora, com os mestres suplantados pelos industriais, com a necessidade de grandes capitais para tocar qualquer iniciativa autônoma, o proletariado tornou-se uma classe real e estável da população, enquanto antes não era muitas vezes mais que um estágio de transição para a burguesia. Agora, quem quer que nasça operário não tem outra alternativa senão a de viver como proletário ao longo de sua existência. Agora, portanto, pela primeira vez, o proletariado encontra-se em condições de empreender movimentos autônomos.

Foi assim que se constituiu essa enorme massa de operários que povoa atualmente todo o Império Britânico e cuja situação social se impõe cada dia mais à atenção do mundo civilizado.

A situação da classe trabalhadora, isto é, a situação da imensa maioria do povo inglês, coloca o problema: o que farão esses milhões de despossuídos que consomem hoje o que ganharam ontem, cujas invenções e trabalho fizeram a grandeza da Inglaterra, que a cada dia se tornaram mais conscientes de sua força e exigem cada vez mais energicamente a participação nas vantagens que proporcionam às instituições sociais? Esse problema se converteu, desde o *Reform Bill*<sup>a</sup>, na questão nacional: todos os debates parlamentares de algum relevo podem ser reduzidos a ele e embora a classe média inglesa ainda não o queira confessar, embora procure evitá-lo e fazer passar seus próprios interesses particulares como os verdadeiros problemas

---

<sup>a</sup> Trata-se da lei de 7 de junho de 1832, que reformou o sistema eleitoral inglês, suprimindo de fato o monopólio parlamentar da aristocracia e abrindo à burguesia industrial as portas do Parlamento. O proletariado e a pequena burguesia permaneceram pouco representados porque, segundo o novo sistema censitário, só tinham direito a voto aqueles que pagavam anualmente mais de 10 libras de imposto.

da nação, esses expedientes de nada lhe servem. A cada sessão parlamentar, a classe operária ganha terreno, os interesses da classe média perdem importância e, embora esta última seja a principal – senão a única – força no parlamento, a derradeira sessão de 1844 não foi mais que um longo debate sobre as condições de vida dos operários (lei sobre os pobres, lei sobre as fábricas, lei sobre as relações entre senhores e empregados)<sup>a</sup>. Thomas Duncombe, representante da classe operária na Câmara dos Comuns, foi a grande personalidade dessa sessão, ao passo que a classe média liberal (com sua moção sobre a supressão das leis sobre os cereais) e a classe média radical (com sua proposta de recusar os impostos) desempenharam um papel miserável. Até mesmo as discussões sobre a Irlanda não passaram, no fundo, de debates sobre a situação do proletariado irlandês e sobre os meios de melhorá-la. Mas já é tempo de a classe média inglesa fazer concessões aos operários – que já não pedem, exigem e ameaçam –, porque em breve pode ser tarde demais.

Apesar disso, a classe média inglesa, em particular a classe industrial que se enriquece diretamente com a miséria dos operários, nada quer saber dessa miséria. Ela, que se sente forte, representante da nação, envergonha-se de revelar aos olhos do mundo a chaga da Inglaterra; não quer confessar que se os operários são miseráveis, cabe a *ela*, classe proprietária, classe industrial, a responsabilidade moral por essa miséria. Daí o ar irônico que os ingleses cultos – e apenas eles, ou seja, a classe média, como são conhecidos no continente – assumem quando se começa a falar da situação dos operários; daí a completa ignorância, por parte da classe média, sobre tudo o que concerne aos operários; daí as colossais tolices que pronuncia essa classe, dentro e fora do parlamento, quando se discute a condição do proletariado; daí a indiferença sorridente com que vive num terreno minado, que pode

---

<sup>a</sup> Essa sessão parlamentar de 1844 será objeto, mais adiante, de outras observações de Engels. A legislação sobre os pobres – *Poor Law* (chamada também de “Lei dos Pobres”) – surgiu em 1601, em 19 de dezembro, pelas mãos da rainha Elizabeth ou Isabel I (1533-1603), formulada sobre quatro princípios: a) a obrigação do socorro aos necessitados; b) a assistência pelo trabalho; c) o imposto cobrado para o socorro aos pobres; e d) a responsabilidade das paróquias pela assistência de socorros e de trabalho; em 1834, sofreu notável reformulação por meio da chamada “nova lei dos pobres” (de fato, editou-se não uma *New Poor Law* [Nova Lei dos Pobres], mas um *Poor Law Amendment Act* [Ato de alteração da Lei dos Pobres]), adequando-a a exigências burguesas, com forte repressão sobre os pobres considerados aptos para o trabalho – recorde-se que, desde 1697, já existiam na Inglaterra as temidas *workhouses* (casas de trabalho); também em 1834 criou-se a *Royal Commission on the Poor Law* (Comissão Real para a Lei dos Pobres).

desmoronar a qualquer momento e cujo desmoronamento é tão certo quanto uma lei matemática ou mecânica; daí o fato inacreditável de os ingleses não possuírem até agora uma obra exaustiva sobre a situação de seus operários – embora se saiba que há anos a estudem e andem à sua volta. Mas é igualmente daí que provém a profunda cólera de toda a classe operária, de Glasgow a Londres, contra os ricos que a exploram sistematicamente e que em seguida a abandonam à própria sorte, cólera que em breve – quase o podemos calcular – deverá explodir numa revolução diante da qual a primeira Revolução Francesa e 1794<sup>a</sup> serão uma brincadeira de crianças.

---

<sup>a</sup> Engels refere-se à ditadura jacobina.